

Também no ensino superior e na ciência, inoportuno é ficar de braços cruzados...

Docentes e investigadores não podem deixar de fazer greve no próximo dia 11 de Dezembro. Pela proteção dos direitos conquistados ao longo de muitos anos, mas também em defesa das gerações mais jovens.



André Carmo

2 de Dezembro de 2025, 0:10

...enquanto este Governo, que mais parece apostado na demolição do que ainda resta do nosso Estado social, avança, qual rolo compressor, e desfere o maior ataque dos últimos anos aos direitos de quem vive do seu trabalho (<https://www.publico.pt/2025/11/27/economia/noticia/proposta-laboral-beneficia-empresas-lei-vigor-desequilibrio-favor-trabalhadores-2156216>).

Embora apareça agora disponível para recuar em minudências que haviam sido estrategicamente plantadas justamente para este efeito - devem pensar que os trabalhadores organizados andam a dormir -, procurando manipular a opinião pública, para que se pense que o Governo até está disposto a negociar e, se assim não for, é por causa da má vontade dos sindicatos, convinha não nos deixarmos levar por este canto melífluo de quem governa contra o trabalho.

Claro que os habituais fazedores de opinião também dão o seu contributo. A greve é um direito, dizem-nos: mas apenas e só se não causar quaisquer perturbações. A greve é um direito, asseguram, altivos e engravatados, mas é preciso rever os termos em que pode ter lugar, ampliando os serviços mínimos. A greve é um direito, desde que não sirva para nada. Balelas! Abdicando do seu salário, é bom não esquecer, a greve é a derradeira arma a que os trabalhadores podem recorrer para defender os seus direitos. E seria bom deixar os paninhos quentes para outra altura, porque isto é luta de classes e nada mais. Os de cima a tentar espezinhar os de baixo, com o Governo a ajudar.

Regressam também os argumentos falaciosos da excessiva rigidez dos direitos laborais e da necessidade de aumentar a produtividade, como se os trabalhadores, que se esmifram para

chegar ao fim do mês com algum dinheiro no bolso, tivessem de ser ainda mais contorcionistas do que já são, sujeitando-se pela enésima vez aos caprichos de quem manda e atropela a vida da gente comum, com prejuízo para a sua vida pessoal e familiar, e para a sua saúde física e mental. Portugal é um país de “mieuristas”, pobreza e desigualdade, onde a produtividade cresce sempre mais do que os salários, e seria bom não esquecer estes factos elementares.

Para quem vive do seu trabalho, incluindo também aqueles que se vêem a si próprios como empreendedores, colaboradores ou talentos, este é o grande combate do nosso tempo. E o facto de o pacote laboral entrar pelo setor privado é apenas um detalhe. Seria preciso ser muito ingénuo ou distraído para julgar que não se seguirá a tentativa de implosão dos direitos no setor público.

No ensino superior e na ciência existem todos os motivos para que os trabalhadores adiram à greve geral. São décadas de precarização do trabalho académico e de investigação científica, largos anos de desvalorização salarial e perda sistemática de poder de compra de docentes e investigadores, crescimento progressivo do recurso abusivo à figura do professor convidado, intensificação dos ritmos de trabalho a reboque da digitalização e das inteligências artificiais degenerativas que nos atropelam a todos, erosão acentuada da democracia nas instituições de ensino superior, onde o poder se concentra nas mãos de muito poucos.

Recentemente veio o ministro da Educação, Ciência e Inovação defender que é preciso rever profundamente os estatutos das carreiras, incluindo nessa discussão princípios fundamentais como a dedicação exclusiva, por considerar que estes podem ser um entrave importante à capacidade de as instituições atraírem os maiores talentos.

Francamente! Deixando de lado o modo como o talento se instituiu como o grande fetiche discursivo de quem tem responsabilidades dirigentes em Portugal, aquilo que pode tornar as carreiras mais atrativas são melhores salários, um desenvolvimento das carreiras decente, estabilidade e previsibilidade no trabalho, uma melhor conciliação entre vida familiar e vida laboral, financiamento adequado para o cumprimento de todas as responsabilidades associadas ao trabalho na academia, entre muitas outras coisas que estão ainda por cumprir.

Por tudo isto, docentes e investigadores não podem deixar de fazer greve no próximo dia 11 de Dezembro. Pela proteção dos direitos conquistados ao longo de muitos anos, mas também em defesa das gerações mais jovens, às quais não se pode negar o direito a uma vida decente no país onde lhes calhou nascer. No dia 11, que ninguém cante, como a Deolinda, “vão sem mim que eu vou lá ter”. Abaixo o pacote laboral! Todos à greve geral!

O autor escreve segundo o acordo ortográfico de 1990